



No Instagram, mostra a rotina com a família e o trabalho



Registro da época em que foi babá nos Estados Unidos



O filho, Jor, de 2 anos e 9 meses



Katharine e o marido, Julien, ao lado da família em Guadalupe (RJ)



Nos EUA: primeira experiência no exterior, entre 2009 e 2012

tos de sua estadia, além do salário, que era de 980 dólares por mês.

Todavia, a decisão enfrentou a resistência e o medo da família, alimentado por dramas de novelas da época sobre tráfico humano. “Meus pais tiveram muito medo, mas eu tomei a liderança, porque acreditava que o processo estava sendo feito de forma certa. Ainda bem que acreditei”, conta. Em um ano de experiência no exterior, seu inglês cresceu, abrindo as portas que tanto buscava para si.

Após esse primeiro contato com a vida internacional, como babá nos EUA, em 2009, Katharine retornou ao Rio, onde ficou por dois anos. Determinada, ingressou no curso de relações internacionais, mas precisava trabalhar para se manter. Foi funcionária da antiga TAM Airlines, atuando no embarque do Aeroporto do Galeão. “Tudo me preparou para o que faço agora, inclusive o trabalho no aeroporto, tendo que lidar com passageiros agressivos e exigentes. Me deu jogo de cintura e paciência”, reflete.

Consolidação

Em 2012, ela partiu para a Holanda para um novo intercâmbio, sem imaginar que faria do país sua morada definitiva. Lá, Katharine cursou estudos europeus (equivalente a relações internacionais) na Universidade de Haia e, em seguida, seguiu para o mestrado na Universidade de Amsterdã. Para financiar o sonho, não hesitou em pegar subempregos. “Fiz faxina, babá, todo tipo de trabalho. E, para minha surpresa, quando tive a oportunidade de me dedicar, me descobri inteligente.”

Há seis anos lecionando na Universidade de Ciências Aplicadas de Haia, Katharine é hoje especialista em políticas públicas da União Europeia. Ela conta que, mesmo após anos, mantém uma das avaliações mais altas entre os alunos. “Acho que o jogo de cintura e o fato de podermos brincar ajuda. O sistema aqui é menos rígido que no Brasil; os alunos me chamam pelo nome, e não apenas de professora”, explica.

No corpo docente, Katharine é uma figura de representatividade: a única sul-americana e uma de apenas três professores negros em sua área. Ela ensina política europeia 100% em inglês para alunos que, muitas vezes, nunca tiveram contato com realidades fora da “bolha” de seus privilégios europeus.

“É sempre uma surpresa quando os alunos chegam e veem uma professora brasileira, negra, ensinando sobre política da União Europeia. Entendi que, para eles, é um privilégio ter aula com alguém que traz uma experiência de mundo diferente da visão branca europeia.”

Quanto ao holandês, confessa que também tem muito conhecimento sobre a língua, uma vez que já são 14 anos imersa dentro da cultura. Fora do país, também encontrou o amor de sua vida — talvez até dois. Casou-se com um francês, Julien, e tem um filho de quase três anos. “Jor tem o nome em homenagem a Jorge Ben Jor, músico preferido do casal. Ele já fala três idiomas: português, inglês e holandês. Vai ter uma vida completamente diferente da minha.”

Quebrar a estatística

Apesar do sucesso, Katharine não descreve sua ascensão de forma puramente poética. Para ela, “vencer na vida” trouxe o desafio de navegar entre dois mundos sem ferir suas origens. “É duro olhar para trás e ver que está todo mundo praticamente no mesmo lugar. É duro seguir adiante e não sentir culpa, entender que você não pode levar todo mundo nesse barco com você. Ainda me sinto muito a menina da favela, e acho isso ótimo, mas é uma luta diária para que o meu crescimento não soe como uma ofensa a quem ficou”, revela.

Embora esteja há 14 anos na Holanda, ela visita o Rio de Janeiro cerca de três vezes por ano. “O choque entre os dois mundos permanece”, destaca. Entretanto, essa conexão com a raiz é inegociável. Com isso, Katharine fez questão de celebrar o primeiro aniversário do filho na comunidade. “Meu marido, se for ao Brasil, não vai ficar em Copacabana, vai ficar em Guadalupe. Ele tem que entender e valorizar de onde vim”, ressalta.

Mesmo dominando várias línguas, o sotaque carioca permanece intacto, assim como a nostalgia das tardes de domingo no subúrbio.

“Sinto saudade de sentar no sofá, escutar a panela de pressão, o feijão cozinhando e o Globo Esporte na TV. Não sinto falta de algo grande, mas desse convívio, do cheiro, de conversar com os vizinhos. Sinto saudade da favela. Aqui o pessoal é mais individualista”, diz. Para a menina que vendia doces em Guadalupe e hoje explica a política europeia em Amsterdã, a maior lição foi uma frase que ela carrega como mantra: “Estuda que a vida muda”.

Como não bastasse ter mudado seu mundo inteiro, ela ainda incentiva, nas redes sociais (@katharine.machadocastro), as pessoas a estudarem e terem um futuro que não seja condenado pelas mazelas ao redor. Com 112 mil seguidores, também mostra a rotina na Europa, desmistificando o medo que muitos possuem em se jogar no exterior e como concilia família e carreira. Assim, a menina que lia livros emprestados, hoje, é uma história de vitória e inspiração.